

ECO -TERRA: *OIKOS* = Espaço sagrado

Earth: *OIKOS*= Sacred space

Osmar Ribeiro de Araújo^(*)

Resumo

A vida na terra está ameaçada, como resultado das ações depredadoras dos seres humanos. Em tempos de globalização, ou mundialização, somos convocados a reconhecer que a Terra é um superorganismo vivo, geradora de vida, nossa Casa Comum, nossa Mãe e espaço Sagrado. Um novo relacionamento com ela se faz necessário, baseado num novo paradigma em defesa da vida. A Carta da Terra¹ constitui-se como um dos documentos mais importantes para a construção desse paradigma. Nesse sentido, a reflexão teológica é imprescindível, como instrumento de conscientização e de tomadas de atitudes fundamentadas no cuidado. Os relatos da Criação, nos capítulos 1 e 2 de Gênesis, mostram a ternura de Deus no seu ato criador, e a nossa responsabilidade em cuidarmos da Casa em que vivemos. O amor, como constitutivo da vida humana e dos outros seres, é a energia fundamental da vida. Por ele, somos convidados a abrir o nosso ser, para percebermos a Sinfonia do Universo.

Palavras-chave: Terra/espaço sagrado. Globalização/consciência planetária. Teologia/exegese bíblica. Vida e Amor.

Abstract

Life on earth is threatened as a result of predatory actions of human beings. In times of globalization, or mundialization, we are called to recognize that the Earth is a living superorganism, generating life, our Common Home, our Mother and sacred Space. A new relationship with her is needed, based on a new paradigm in defense of life. The Earth Charter was established as one of the most important documents for construction of this paradigm. In this sense, theological reflection is essential as a tool of awareness and attitudes based in taking care. The accounts of the Creation, in chapters 1 and 2 of Genesis shows God's tenderness in his act of creation, and our responsibility to take care of the house in which we live. Love, as constitutive of human life and other beings, is the fundamental energy of life. For him, we are invited to open our being to perceive the Universe Symphony.

Keywords: Earth / sacred space. Globalization/global awareness; Theology / biblical exegesis. Life and love.

^(*) Mestrado em Educação: Universidade Federal de Uberlândia, 2005. Graduação em Letras Português/Inglês: Universidade Federal de Uberlândia, 1980.. Graduação em Letras Português/Francês: Universidade Federal de Uberlândia, 1990. Especialização: Pesquisa em Educação: Universidade Federal de Uberlândia, 1992. Graduação em Teologia: Faculdade Católica de Uberlândia, 2013. Professor da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia - Ensino Fundamental.- Escola Municipal Leandro José de Oliveira. **Email: osmaribeiro05@yahoo.com.br**

¹ Declaração internacional de princípios éticos fundamentais para uma sociedade justa, sustentável e pacífica no século XXI. Iniciativa das Nações Unidas, contou com a adesão de mais de 4.500 organizações governamentais e internacionais. O documento é resultado de uma década de diálogo intercultural e um marco de guia ético.

1 INTRODUÇÃO: a realidade nos desafia

Este texto insere-se no contexto dos estudos, das reflexões atuais sobre o cuidado que devemos ter com a Terra, nossa Casa comum, fazendo interface com uma reflexão teológica, a partir de uma perspectiva exegética/hermenêutica de alguns textos bíblicos, principalmente de Gênesis, capítulos 1 e 2. O olhar sobre o cuidado, considerando-o como uma dimensão ontológica, torna-se um imperativo para nosso tempo, exigindo um re-pensar sobre a ética, a religião, as culturas, a política, bem como sobre outras dimensões da nossa vida em sociedade.

Em linhas gerais, nesta pós-modernidade em que nos situamos, nos movemos e somos, temos consciência de nossas capacidades racionais e buscamos empregá-las na resolução de nossos problemas. Somos sujeitos cognoscentes, construímos saberes e poderes que forjam uma nova ordem social, uma nova realidade. De outra forma, podemos conceber que o discurso pós-moderno centra-se numa diversidade de narrativas, matizadas por contradições que desmoronam certos fundamentos religiosos e éticos, por um lado e, por outro, constroem outros valores, regidos pela busca do controle, do progresso, do poder e do capital.

A reflexão teológica precisa caminhar nessa perspectiva para que possa colaborar na/para a construção do *Ethos* mundial de que precisamos. A teologia contemporânea não pode mais se eximir de uma reflexão aguçada sobre as questões que hoje nos inquietam, ou melhor, nos desafiam, dentre elas a ecológica. Também não pode legitimar o paradigma civilizacional que tem se pautado pelo desrespeito e pela agressão à vida no nosso Planeta. Estamos vivendo em um momento histórico que se configura em um grande desafio para a teologia, bem como para as religiões, no sentido de que é preciso despertarem para a consciência de que a Terra é Sagrada, é viva porque gera vida e, portanto, não pode ser escravizada. A teologia compreende que o paradigma antropocêntrico pós-moderno, configurado na esteira dos sistemas econômicos, da concentração de poderes e de riquezas, dos individualismos exacerbados, está equivocado. A teologia sabe também que, por um lado, não pode legitimar tal paradigma e, por outro, precisa investir na busca de caminhos para que a vida vença a morte, ou, as mortes que se fazem presentes. O texto sagrado do livro do Deuteronômio nos recomenda que defendamos e façamos opção pela vida (Dt 30,19c).

É certo que estamos experimentando, hoje, um novo paradigma para a humanidade, como consequência de uma diferente forma de ver o mundo. Nessa nova forma de ver o criado, uma consciência ecológica está nos solicitando uma outra visão, mais aguçada, do transcendente e do sagrado. Vale dizer, precisamos olhar teologicamente para a nossa Casa-Terra, percebendo-a como *Oikos*, isto é, como espaço sagrado. Um sentido de transcendência, que perpassa todas as criaturas, nos impele a repensar comportamentos, atitudes, maneiras de nos relacionarmos com a Terra. Não podemos prescindir desta condição, se quisermos valorizar a vida.

Inegavelmente vivemos em tempos de crises em vários âmbitos da sociedade humana. Isso nos leva a pensar que há necessidade de superação de certas orientações sociais e busca de outras que sejam satisfatórias para a convivência humana. Há, hoje, um legítimo debate em torno da crise ambiental que tem tido o mérito de despertar, no imaginário social, a questão ecológica, numa dimensão planetária.

Essa consciência planetária surge, por um lado, a partir de um dado sensível: a humanidade sofre, no seu corpo (na total dimensão do ser), as ameaças de superaquecimento global, intensificação do efeito estufa, de elevação do nível do mar, do degelo das calotas polares, de escassez de água e dos recursos naturais, dentre outros desequilíbrios ambientais na natureza como um todo. Sem dúvida, que a irresponsável atividade do ser humano sobre os recursos naturais constitui-se como causa preponderante para este estado de coisas. Por outro lado, muitos são os pensadores, cientistas, pesquisadores e grupos sociais que, preocupados com a vida no Planeta Terra, nos têm alertado sobre a preocupante situação em que nos encontramos hoje. Afirmando algo que já podemos perceber com clareza: a vida na Terra está ameaçada.

Os processos sociais não são lineares em seu desenvolvimento, porque construídos historicamente nos e pelos engendramentos humanos. Existem, co-existem nos entremeios dos avanços e das rupturas. Somos herdeiros de coisas importantes, criadas e desenvolvidas no século XX, por um lado; por outro, esse século deixou-nos o amargo gosto de processos de morte. O educador e pensador francês, Edgar Morin, afirma, com muita propriedade, que

O século XX foi o da aliança entre duas barbáries: a primeira vem das profundezas dos tempos e traz a guerra, massacre, deportação, fanatismo. A segunda, gélida, anônima, vem do âmago da racionalização, que só conhece o cálculo e ignora o indivíduo, seu corpo, seus sentimentos, sua alma, e que multiplica o poderio da morte e da servidão

técnico-industriais [...] A morte introduzida pelo século XX não é somente a de dezenas de milhões de mortos das duas guerras mundiais e dos campos de extermínio nazistas e soviéticos; é também a de dois novos poderes de morte [...] O primeiro é o da possibilidade de extinção global de toda a humanidade pelas armas nucleares [...] O segundo é a possibilidade de morte ecológica [...] a dominação desenfreada da natureza pela técnica conduz a humanidade ao suicídio.²

Faz-se necessário, portanto, que tenhamos uma visão mais profunda, crítica, que nos permita despertar para uma consciência planetária. Além disso, compreender que tal consciência planetária engendra uma Ecologia social, capaz de atualizar as análises críticas ao sistema econômico capitalista, denunciando suas perversidades no que diz respeito às diversas formas de vida, não apenas a humana.

Temos uma consciência de que o nosso tempo está marcado pela superação de muitos limites e pela demarcação de outros. O processo de planetização, denominado por uns *globalização*, e por outros *mundialização*, nos tem feito perceber, pelo menos, algumas coisas básicas: que a nossa Casa-Terra não é tão grande, aliás pequena; que não estamos cuidando dela satisfatoriamente; e que todos estamos ligados num intrincado jogo de relações. Até aqui, o sentido dominante desse processo tem sido o econômico-financeiro e o entrelaçamento de redes de comunicação.

As sociedades humanas precisam, na urgência do nosso tempo, compreender que a globalização, ou mundialização, é um processo que não apenas designa a unificação do campo econômico mundial, e sim, por sua competência de fazer emergir outras dinâmicas sociais, possui um caráter formativo e performativo. Isto é, define políticas neoliberais, inseparáveis da propaganda econômica, que lhe confere significatividade simbólica. Ainda, define medidas jurídico-políticas, capazes de suprimir limites e obstáculos a essa unificação. Sem dúvida que a planetização situa-se como um grande desenvolvimento da humanidade, tudo depende de como usá-la na perspectiva do bem para todos. Nesse sentido, Leonardo Boff salienta que

A planetização portanto, comparece como um estágio avançado da história da própria Terra. Coube à nossa geração criar clara consciência desta emergência e dar-se conta da responsabilidade universal por seu destino feliz ou catastrófico. O clamor ecológico dos últimos anos nos convenceu de que o futuro da humanidade e da vida na Terra [...] Depende, em grande parte, das opções que os seres humanos tomarem com referência às bases físico-químicas e ecológicas que sustentam a Casa Comum e a diversidade da

² MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya. 3ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001, p. 70-71).

vida. Podemos nos transformar no Satã da Terra ou no seu Anjo Bom, os guardiães e os cuidadores do jardim do Éden.³

Dessa maneira, podemos compreender que a era planetária em que vivemos exige-nos uma cidadania também planetária, sustentada numa visão unificadora do Planeta e de uma sociedade mundial, fundamentada na justiça. Tal visão extrapola os limites da lógica da competição, da acumulação, da produção ilimitada de riquezas, que não levam em conta os limites da Terra, nem consideram as necessidades dos outros seres. De outra forma, exige-nos perceber, sentir e viver uma consciência de que fazemos parte constitutiva da Terra. Por isso, precisamos estabelecer outras relações que se expressem em formas de interações e de solidariedade para defender toda a vida, bem como outras formas de responsabilidades éticas, sociais e religiosas, fundamentais para uma cidadania ambiental em todo o mundo.

2 A CARTA DA TERRA: breve histórico e outras considerações

A Carta da Terra se constitui, hoje, como o documento mais importante no que diz respeito à questão ambiental e ecológica, conferindo um sentido de responsabilidade global para com a vida no nosso Planeta.

Embora a acolhida da Carta tenha sido positiva, conforme a avaliação feita em Amsterdam (Holanda), em 2005, por ocasião dos cinco anos de sua publicação, ainda somos devedores de um autêntico interesse e de um trabalho de conhecimento do texto, bem como de sua aplicação efetiva nos meios sociais. Se muitas pessoas não a conhecem é porque não é divulgada satisfatoriamente, o que demonstra certo desinteresse em assumi-la autenticamente.

A problemática sobre a questão ecológica ganha corpo a partir de 1972, quando a ONU organizou, em Estocolmo, Suécia, um grande encontro mundial sobre o meio ambiente. A questão-chave que surgiu desse encontro foi a conscientização de que o meio ambiente deveria constituir-se como preocupação central da humanidade, mesmo porque o futuro da Terra, e de todos os povos que nela habitam, depende das condições ambientais e ecológicas.

³ BOFF, Leonardo. A Carta da Terra e a consciência planetária. Um olhar “de dentro”. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de. **Consciência planetária e religião** – desafios para o século XXI. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 24.

Em 1992, no Rio de Janeiro, na reunião da Cúpula da Terra, foi proposta uma Carta da Terra, mas a ideia foi frustrada. Um primeiro esboço da Carta foi apresentado em 1997, durante o Fórum Rio +5. A partir daí, desencadeou-se

[...] uma ampla discussão em todos os continentes e em todos os níveis (desde escolas primárias e comunidades de base até centros de pesquisa e ministérios da Educação) sobre a *Carta da Terra*. Cerca de 46 países e mais de cem mil pessoas foram envolvidas.⁴

O pensador e teólogo brasileiro, Leonardo Boff, participou efetivamente dos trabalhos, das discussões e da elaboração do texto da Carta da Terra. Salienta que houve muito esforço e empenho de pessoas e grupos para que o texto fosse consistente, significativo e de alcance mundial:

Muitos projetos de *Carta da Terra* foram propostos, cabendo a mim propor também um em nome das Américas. Até que, em abril de 1999, sob a orientação de Steven Rockefeller, budista e professor de Filosofia da Religião e de Ética, foi escrito um segundo esboço de *Carta da Terra*, reunindo as principais ressonâncias de convergências mundiais. De 12 a 14 de março de 2000, na Unesco, em Paris, foram dadas as últimas contribuições e se ratificou a *Carta da Terra*.⁵

Além do *Preâmbulo* e da parte final, a Carta da Terra se compõe de quatro *Princípios* fundantes, que se estendem em dezesseis pontos, referindo-se ao modo sustentável de vida:

- I. Respeitar e cuidar da comunidade de vida;
- II. Integridade ecológica;
- III. Justiça social e econômica;
- IV. Democracia, não violência e paz.

Na verdade, todo o texto da Carta conclama ao compromisso e proclama a esperança e o amor à Mãe Terra. Já no seu *Preâmbulo*, encontra-se delineada uma

⁴ BOFF, Leonardo. A Carta da Terra e a consciência planetária. Um olhar “de dentro”. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de. **Consciência planetária e religião** – desafios para o século XXI. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 17.

⁵ BOFF, Leonardo. A Carta da Terra e a consciência planetária. Um olhar “de dentro”. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de. **Consciência planetária e religião** – desafios para o século XXI. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 17-18.

consciência planetária, ao afirmar que “[...] devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum.” Em outras palavras, isso significa que Terra e humanidade não se separam, possuem origem e destino comuns, constituem-se como um Todo, um sujeito coletivo de vida.

A Carta termina com um olhar de esperança, um convite à celebração da vida: “Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência em face da vida, pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação dos esforços pela justiça e pela paz e a alegre celebração da vida” (Conclusão).

Concordamos com Leonardo Boff⁶, ao afirmar que a Carta da Terra

[...] é um dos principais documentos que atestam a consciência planetária em ação [...] nela se operam várias travessias próprias deste salto de qualidade rumo a uma consciência mais inclusiva e complexa:

- Passa-se da Terra como planeta, como algo inerte, *res extensa*, para a compreensão de Gaia, como um superorganismo vivo.
- Passa-se das espécies de seres vivos tomados em si para a comunidade de vida, onde “todos os seres são interdependentes” (princípio 1, a.)
- Passa-se dos seres isolados em si para sua interdependência global.
- Passa-se da sociedade ou comunidade local para a sociedade ou comunidade global.
- Passa-se das Nações para a família humana.
- Passa-se dos Estados para os povos.
- Passa-se da responsabilidade pessoal para a responsabilidade universal.

Consideramos pertinente esta referência à Carta da Terra, neste texto, por se tratar de um precioso instrumento, de incalculável dimensão pedagógica para a mudança de paradigma de que precisamos, mesmo porque ela pressupõe uma opção radical pela vida e pela Terra.

3 A ECOLOGIA NA DIMENSÃO TEOLÓGICA

Defendemos, aqui, que a teologia é feita por sujeitos históricos e, por isso, é feita por pessoas que vivem e estabelecem relações. Por conta disso, é autêntica a reflexão teológica que tem, como requisito básico, a vida e suas condições. Nesse

⁶ Id., *ibid.*, p. 26.

sentido, qualquer assunto que seja importante para o presente e para o futuro da humanidade é digno de teologia. Qualquer tema significativo pode se tornar um tema teológico.

O novo paradigma emergente está sendo construído como consequência de uma diferente forma de ver o mundo. Quer dizer, está ocorrendo, em razão da crise atual, uma sensibilização, uma nova forma de ver, de sentir a totalidade dos seres e suas relações. Cientistas ligados às questões ecológicas defendem que a Terra é *Gaia*, um ser vivo.⁷ Tal afirmação tem consistência na constatação de que ela – a Terra – se automantém por meio das inter-relações entre os seres que nela vivem. Para a ciência ecológica “As milhões de espécies de seres vivos do planeta se comportam como células e tecidos de dezenas de órgãos que mantêm o fenômeno vital no planeta”.⁸

Mudar de direção, abandonando o paradigma que se configurou como eixo orientador do agir humano até o momento, significa que devemos nos orientar por outras posturas, tanto como princípios como práticas. Isso requer novas respostas em todos os âmbitos dos arranjos sociais: político, econômico, cultural, educativo, religioso e outros. Enfim, tal paradigma implica uma mudança da lógica que nos tem servido como guia até agora.

Tudo se mistura, tecendo a teia da vida. Ideia fundamental que deve ser assumida, acampada por nós, mulheres e homens deste século. Por isso, o ser humano não pode romper os fios, provocando separações. Nessa dimensão, temos consciência de que o nosso agir tem consequências que podem ser efeitos bons, mas podem também causar prejuízos irreparáveis, pois é um engano pensarmos que o ser humano é superior e que, por isso pode gerar suas condições de vida de maneira independente. Não há independência, e sim interdependência, tudo depende de tudo na tecitura da vida.

Somos seres de relações. Um dos grandes equívocos que temos cometido, ao longo da história da nossa existência, tem sido a negligência ao significado de nossas relações. Ainda estamos aquém de um nível de conscientização que nos permite compreender, seguramente, que todos os seres estão interligados, estabelecem relações e

⁷ A Terra se auto-organiza e se autorregula. A comunidade científica reconheceu os argumentos a favor desta tese e, a partir de 2001, a Terra foi chamada de Gaia. Nome atribuído a uma divindade grega, e que expressa a esplêndida vitalidade da Terra.

⁸ KAISER, Arno; GEBARA, Ivone. *Terra – eco sagrado: teologia da libertação e educação popular*. São Leopoldo: CEBI – Centro de Estudos Bíblicos, 2009, p. 7.

vivem de maneiras interdependentes. Vale dizer, todos existimos co-existindo, pois “O universo, mais do que a soma de todos os seres existentes e por existir, é o conjunto de todas as relações e das redes de relações com as informações que carregam consigo. Tudo é relação e nada pode existir fora da relação”.⁹

De outra forma, há um tecido, ou, formamos e, ao mesmo tempo, somos um tecido interativo que nos confere uma matriz de união entre a unidade e a multiplicidade, entre as partes e o todo, o todo e as partes. A distinção é legítima, mas a separação é um equívoco. Isto é, o todo é uma unidade complexa e, se por um lado, não se reduz à soma de suas partes; por outro, cada parte concorre para a formação do conjunto, porque há uma interligação de suas propriedades à propriedade do todo e vice-versa. É na esteira desse pensamento que se faz necessária a compreensão de uma Ética solidária, mesmo porque há uma solidariedade fontal que interliga todo o criado.

Por esta razão é que a compreensão ecológica está nos solicitando uma outra visão, grávida do transcendente e do sagrado. Vale dizer, precisamos olhar para a nossa Casa-Terra, percebendo-a como *Oikos*, isto é, espaço sagrado.

A Terra é sagrada, antes de tudo, porque criada pelo Criador de todas as coisas. Depois, porque é viva e geradora de vida. E a vida é sagrada. Um princípio generativo, como a Mãe que concebe, gesta e dá à luz:

Produz a miríade de microrganismos [...] Produz as águas, a capa verde com a infinita diversidade de plantas, flores e frutos. Produz a diversidade incontável de seres vivos, animais, pássaros e peixes, nossos companheiros dentro da unidade sagrada da vida [...] Para todos produz as condições de evolução, de subsistência e de alimentação, no solo, no subsolo e no ar. Sentir-se Terra é mergulhar na comunidade terrenal, no mundo dos irmãos e das irmãs, como foi vivido exemplarmente por São Francisco de Assis em sua mística cósmica.¹⁰

Ainda, se quisermos, podemos lançar mão da hermenêutica bíblico-teológica, para admitir, no âmbito da fé, o Sagrado da Terra. Toda a Criação “respira” o Espírito vivificante de Deus, diz o Salmo 104,29-30. Este Salmo quebra a ideia, que nos é muito pertinente, de que o Espírito divino é restrito ao ser humano, como pode-se deduzir do

⁹ BOFF, Leonardo. *Cuidar da terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p.44-45.

¹⁰ BOFF, Leonardo. *Cuidar da terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 39-40.

texto de Paulo aos Coríntios (1Cor 6,19). O Salmo 104 nos faz compreender que toda a natureza aponta para a presença do Criador em meio ao criado.

Enfim, muitos são os textos bíblicos que atestam a presença de Deus na Criação como um todo, não apenas nos seres humanos. Pois, Deus é “aquele que faz novas todas as coisas” (cf. Ap. 21,1-8). Mesmo porque há uma aliança de vida entre o Criador e todas as criaturas (Gn 9,9-11). O que ainda nos falta, no entanto, é descobrir esses textos na Bíblia e, uma vez descobertos, realizar uma nova hermenêutica. Isto é, mudarmos o nosso olhar para enxergarmos neles pistas que nos orientam ao cuidado para com a natureza.

Se assim fizermos, nos ficará bem mais claro que a Terra é sagrada, porque é criação divina. Assim, podemos “ler” o Salmo 24,1: “Ao Senhor pertence a terra, e tudo o que nela existe, o mundo e os que nele habitam.”

Devemos a Jürgen Moltmann – teólogo protestante, alemão -, o mérito de ter chamado nossa atenção para o fato de que o Espírito divino penetra todas as coisas e, com elas, estabelece uma relação de comunhão. Moltmann tem inspirado o sentido da criação para a teologia. Para ele, a teologia precisa assumir maior compromisso com a realidade social, política, econômica, científica e religiosa. Considera, ainda, que a questão ecológica é, nesse sentido, uma importante chave. De outra forma, afirma que uma teologia da criação, numa perspectiva ecológica e trinitária, fornece parâmetros necessários para uma nova configuração teológica.

Nesse sentido, Libanio, num artigo sobre J. Moltmann, faz a seguinte afirmação, ao comentar o livro *Deus na criação*:

Na obra *Deus na criação* nos traz luzes para a crise ecológica [...] Oferece a doutrina do Espírito que penetra todas as coisas e estabelece, habitando nelas, uma relação de comunhão [...] Recupera o sentido originário de ecologia – ciência da casa -, ao entender que o Criador, através do seu Espírito, mora na sua criação como um todo e em cada uma das criaturas e as mantém unidas e vivas na força desse mesmo Espírito.¹¹

Entre nós, muitos são os teólogos e pensadores que, como Leonardo Boff, João Batista Libanio, Sinivaldo S. Tavares, Adilson Shultz, dentre outros, têm voltado suas reflexões para a questão ecológica, numa perspectiva que ultrapassa as visões

¹¹ LIBANIO, J. B. *Jürgen Moltmann*. Disponível em: www.jbllibanio.com.br. >Acesso em: 28.09.13<

simplesmente ambientalistas. Isto é, o olhar do teólogo precisa ver, enxergar e sentir, além da ciência e da filosofia ambientais. O olhar do teólogo precisa sentir a indubitável presença do Criador em cada rosto de suas criaturas. Vale dizer, para estes pensadores há um sentido de transcendência na natureza, ou melhor, no universo todo. Tal sentido nos impele a repensar comportamentos, atitudes, maneiras de nos relacionarmos com a Terra, nosso Planeta, nossa Casa onde habitamos. Em outras palavras, a reflexão teológica deve assumir os novos temas emergentes numa relação dialógica, tanto para compreendê-los quanto para transformá-los. Tal diálogo precisa ser crítico para que não caia em concepções simplistas e em fundamentalismos inconcebíveis. Assim é que

[...] a teologia deve desenvolver a lucidez crítica de não só assumir temáticas novas em sua reflexão mas também propor uma maneira nova de pensá-las dentro de uma lógica diferente daquela que preside à razão moderna. Sem dúvida os valores e avanços da modernidade devem ser mantidos, mas a sua lógica dominante é instrumental, técnica e econômica [...] A tarefa da teologia nesse fecundo diálogo encontra-se em mostrar sua palavra como algo novo, diferente e irreduzível.¹²

O debate, hoje, em torno da consciência planetária, leva em conta um re-pensar sobre a dimensão espiritual. Leonardo Boff¹³ considera que uma das transformações culturais mais significativas do nosso século seja que a humanidade assuma a dimensão espiritual da vida. Alinhado a esse pensamento, Adilson Shultz, pastor luterano, doutor em Teologia, defende que

O debate em torno da consciência planetária pede da Teologia e da religião uma espécie de transferência necessária da espiritualidade individual para a coletiva, da ênfase no presente para a abertura para o futuro [...] a entrada da Teologia no debate acrescenta à questão da consciência planetária um alcance transcendental que não seria possível de outra forma [...] No âmbito teológico fica evidente que a formulação de uma consciência planetária só é forjada passando pela formulação da consciência cultural, política, social e espiritual – ou mental, social, ambiental e espiritual -, uma mobilização completa dos domínios da inteligência, do desejo e da sensibilidade.¹⁴

¹² MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. *A casa da teologia: introdução ecumênica à ciência da fé*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010, p. 228-229.

¹³ BOFF, Leonardo. *Do iceberg à Arca de Noé*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

¹⁴ SHULTZ, Adilson. Consciência planetária espiritual. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de. *Consciência planetária e religião – desafios para o século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 209.

Então, no bojo da consciência planetária estão sendo forjadas as seguintes ecologias: uma Ecologia ambiental, com o propósito não só de salvar o Planeta, mas também de promover um repensar sobre as relações sociais com a Terra, tendo em vista a sustentabilidade correta. Uma Ecologia social, ou política, que se preocupa com as relações econômicas, fazendo uma crítica ao sistema capitalista, ao consumo exacerbado. Enfim, trata das questões relacionadas com o poder, com a participação dos cidadãos e cidadãs nas decisões; trata da problemática social gerada por determinado relacionamento com a natureza. Uma Ecologia mental, ou humana, que se configura como a própria constituição humana em suas relações, suas ideologias, tendo como objetivo demonstrar que somos capazes de conviver bem com nossa Terra, em significativa solidariedade.

Entrando nas interfaces dessas três Ecologias, a Ecologia espiritual insere-se, abrindo importantes reflexões, que se comportam como pontos de rupturas epistemológicas e teológicas na dimensão das ações, dos comportamentos e dos pensares contemporâneos. A partir dessa concepção, pode-se afirmar que a crise planetária é também espiritual. Por isso, consideramos que se faz necessário, para a humanidade hoje, um olhar atento para a Criação, na perspectiva dos textos Sagrados, com o propósito de melhor descobrir e compreender o sentido que perpassa e une todos os seres. É claro que muitos problemas ecológicos que vivemos são específicos de nosso tempo, originados de nossa sociedade industrializada, urbanizada, com outras configurações sociais, muito diferentes dos tempos da Bíblia.

Entendemos, portanto, que a importância da Bíblia, para os estudos relacionados com as questões ecológicas, não é porque os textos sagrados “dizem” literalmente algo sobre os nossos problemas. Antes, a sua importância está no sentido com que se posicionam frente à problemática como um todo.

4 UM OLHAR SOBRE A CRIAÇÃO

A nossa reflexão teológica caminha na perspectiva da condição humana, homem e mulher situados no âmbito de filhos e filhas de Deus, mas também de criaturas, irmãos e irmãs de todo o criado, dos outros animais, das plantas, das pedras,

dos microrganismos e das estrelas. Pensar sobre essa condicionalidade nos põe em relação com o próprio Criador e com todas as criaturas, com o Universo, enfim.

Uma constatação já bastante óbvia, e que já fizemos referência neste texto, é que a morte ameaça o nosso Planeta e, conseqüentemente, a própria existência está ameaçada. Consideramos que já é uma constatação porque, por um lado, documentos importantes atestam isso, como o “Relatório de Avaliação Ecológica do Milênio”, divulgado pela ONU em 2005. Segundo esse Relatório, a situação é preocupante, pois

As atividades antrópicas estão mudando fundamentalmente e, em muitos casos, de forma irreversível a diversidade da vida no planeta Terra [...] Até quando os ecossistemas do planeta suportarão a ação predatória do homem? É possível reverter esse processo de degradação ambiental e social? Qual o futuro caso sejam mantidos os atuais padrões de produção e consumo?¹⁵

A constatação se dá, também, pelas situações de desequilíbrios assustadores que estamos experimentando na atualidade. As mudanças climáticas extremas sinalizam que a Terra mudou e caminha para uma irreversível insustentabilidade.

Precisamos claramente compreender que as alterações climáticas, os desastres naturais, a situação de miséria em que vivem milhões de seres humanos, e todas as formas de agressões à vida, são gritos de dor da Criação. O número de pessoas desabrigadas e de mortos, em consequência de tragédias ambientais, tem aumentado consideravelmente, mostrando-nos que a situação é grave. Muitos fatores estão indicando que o paraíso terrestre, criado por Deus, com ternura e carinho (Gn 1,1-2,25) está sendo agredido covardemente. A Terra está sendo impiedosamente crucificada e, certamente, na sua cruz será também pregada a humanidade, porque os seres humanos têm demonstrado que são capazes de sua autodestruição, por conta das suas opções.

Os relatos da Criação do livro de Gênesis (Gn 1–2) nos impressionam e nos desafiam quando queremos compreendê-los e neles enxergarmos a “mão do oleiro” que molda o universo. Toca-nos, no primeiro relato (Gn 1,1-2,4a), a afirmação que aparece em todos os atos criacionais, a partir do terceiro dia: tudo o que Deus criou era bom, muito bom. Ora, se tudo é bom, é belo, se o homem e a mulher são criados à imagem de Deus (Gn 1,27), por que não admitirmos que exista, de fato, uma fraternidade entre

¹⁵ BOFF, Leonardo. **Cuidar da terra, proteger a vida**: como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 24-25.

todos os seres? Por que ainda não aprendemos a descobrir, nesta beleza e nesta bondade do criado, a solidariedade que elas contêm? Mesmo porque o que é bom não se contenta em existir para si mesmo apenas.

É pertinente, também, pensarmos na intrigante afirmação de Gn 1,28. Aí está dito que, depois de abençoados, o homem e a mulher recebem ordens muito instigantes, expressas pelos verbos “fecundar”, “subjugar” e “dominar”. Será que isso tem ofuscado o sentido de fraternidade, de solidariedade entre nós, entre todos os seres? Esta afirmação do texto sagrado nos coloca acima de todas as criaturas e nos autoriza a exercer domínio sobre elas?

Vejamos alguns outros aspectos exegéticos/hermenêuticos interessantes que podem ser extraídos desse relato. Em Gn 1,1-2,4a, o olhar do autor está na esteira do exílio babilônico, isto é, parte da realidade da Babilônia. Nessa perspectiva é que os termos “dominar” e “sujeitar” têm sentido, porque tomados da linguagem dos reis e dominadores. Este texto tem provocado muitas polêmicas e, por vezes, interpretado na lógica dos dominadores, conquistadores e do próprio sistema capitalista. Inegável que tenha contribuído para uma forte visão antropocêntrica, matizada de equívocos.

Hoje, diante da situação em que nos encontramos, precisamos construir um olhar hermenêutico diferente, de tal forma que possamos descobrir que a construção desse texto tem a ver com o ato criador, com a ordenação do caos em um espaço em que as pessoas podem se estabelecer, fazendo surgir a civilização e a cultura, suas vilas, suas cidades. Assim, o autor quer que seus leitores/ouvintes saibam que o mundo que existe e que se experimenta é Criação de Deus. Essa maneira de ver, ou melhor, de perscrutar o texto por suas veias mais profundas, nos permite descobrir sua beleza, pois

Sentindo a falta de terra, que era sinal da bênção de Deus, o povo resgata as origens revelando um grande encantamento e reverência pela terra. Sente-se filho da terra [...] mostra o ser humano profundamente ligado, interconectado a todas as criaturas do universo. De uma forma poética, o relato bíblico insiste na fraternidade de fundo que existe entre todos os seres vivos que são uma beleza. Deus, ao criar, sempre se extasia diante de todas as criaturas e exclama: “Que beleza! Bom! Muito bom!”.¹⁶

¹⁶ MOREIRA, Gilvander L. Gênesis 1 a 3: recriação. In: CUNHA, Rogério I. De Almeida (org.). *Criação de um outro mundo – Gênesis 1-11*. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, 2007, p. 14 e 17.

Outro elemento importante, existente ao longo do texto, é a afirmação de que todas as criaturas têm uma dignidade, que pode ser compreendida como “dignidade criatural”. Isto é, todas as criaturas têm seu valor próprio diante do Criador. Isso pode ser compreendido a partir das repetidas vezes em que, após descrever a obra do dia, o autor faz a afirmação: “E viu que isso era bom”. Nesse sentido, mesmo que tenha recebido algo de especial, ser imagem e semelhança do Criador, o ser humano é integrado na Criação. Isto é,

[...] não está apenas sobre a Terra. Não é um peregrino errante, um passageiro vindo de outras partes e pertencendo a outros mundos. Não, ele é filho e filha da Terra. Ele é a própria Terra em sua expressão de consciência, de liberdade e de amor [...] o nosso destino está indissociavelmente ligado ao destino da Terra e do cosmos onde se insere a Terra.¹⁷

O relato de Gn 2,4bss expressa que o ser humano (em hebraico *adam*) é feito do “pó da terra” (em hebraico *adamah*, que é terra, solo fértil). Dessa forma,

[...] o *adam* (ser humano em sentido genérico) é feito da *adamah*. A terminologia hebraica ainda conserva uma lembrança de que o ser humano é feito da mãe-terra e com esta mãe-terra está indissolúvelmente ligado [...] A ruptura com a mãe-terra gera todo tipo de doenças! Da ligação intrínseca do ser humano com a terra deriva também o seu “mandato divino” como é expresso em Gn 2,15: “Deus tomou o *adam* e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar” (grifos do autor).¹⁸

Aqui, em Gn 2, já se percebe claramente que houve uma mudança de linguagem em relação a Gn 1. A linguagem agora não é de poder e de dominação, como em Gn 1,28, e sim do cuidado. Enquanto que, no primeiro relato, a palavra de ação é “criar”; no segundo, o verbo é “fazer”. É necessário que o “jardim” (Gn 2,10) seja feito. A ação de fazer o jardim passa pela perspectiva da relação entre ser humano-terra-água. Portanto, é uma relação marcada pelo trabalho, pela solidariedade que se configura como condição mesma para que o jardim “se faça”, “se constitua”. Condição porque jardim sem jardineiro não fica bom, não fica bonito. Podemos pensar, também, que a Terra é vocacionada a ser jardim, o ser humano é vocacionado a ser jardineiro. O

¹⁷BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 30.

¹⁸REIMER, Haroldo. *Gênesis – casa comum: espaço de vida, cuidado e felicidade*. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, 2007, p. 18-19.

versículo 15, deste capítulo 2, é fundante, pois aí o homem e a mulher são chamados a cuidar, cultivar, zelar e guardar o jardim.

Se pegarmos as pontas desses dois tecidos, isto é, desses dois exertos de textos, este do capítulo 2 e aquele do capítulo 1, e uni-los, podemos extrair uma conclusão interessante, mesmo que, em sua superfície, nos pareçam contraditórios. Desafia-nos compreender que, em Gn 1, o ser humano se configura como “senhor de tudo”, e em Gn 2, o “cuidador”.

Pensamos que em Gn1, o lugar do ser humano está marcado pela responsabilidade. Nesse sentido, o “dominar” não pode significar “destruir”, nem tampouco “exercer o poder” como superioridade aos outros seres. Essa maneira de olhar esse relato leva-nos à compreensão de que há uma intrínseca relação com o “cuidar” do jardim, de Gn 2, e que esse jardim é o Mundo, Terra, Casa nossa em que vivemos. Vale dizer, recebemos o Mundo como nosso jardim, é responsabilidade nossa dele cuidar e zelar. “Portanto, a relação que o ser humano tem para com a criação é fundamentalmente de responsabilidade, uma relação ética”¹⁹. Enfim, uma relação/razão amorosa. Se quisermos, também teológica, mesmo porque o Criador está no jardim. Esse é o desejo de Deus para com todo o criado, mesmo porque ele amou/ama tudo que criou/cria. Assim está dito pela boca do profeta Jeremias: “Com amor eterno eu te amei” (Jr 31,3). No livro da Sabedoria está esta afirmação: “Tu amas todos os seres e nada detestas do que fizeste [...] Senhor, amigo da vida” (Sb 11,24-26).

5 O AMOR EM DUAS PALAVRAS

Duas palavras sobre o Amor que vêm de dois grandes pensadores, cientistas. Uma delas é do cientista chileno, PhD em biologia, Humberto Maturana. A outra vem do padre jesuíta, também cientista, Pierre Teilhard de Chardin.

Maturana considera que nós construímos discursos tão racionais que negam o amor. Por isso negamos o outro, não de maneira circunstancial, mas, o que é muito mais grave, como algo culturalmente legítimo. Isto é, negamos o outro na nossa convivência. Para ele, as relações humanas que não se baseiam na aceitação do outro como legítimo outro na convivência, não são relações amorosas. Aliás, não chegam a ser relações sociais, pois não aceitar o outro é negá-lo, e as relações sociais nunca podem ser de

¹⁹ BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Ática, 1995, p 62.

negação. Elas só existem quando construídas e vivenciadas na dinâmica da mútua aceitação.

Tendo como fundamento essa ideia, Maturana concebe o amor como uma emoção que fundamenta as relações sociais, ou seja,

A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor [...] O amor é constitutivo da vida humana [...] é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência [...] é a emoção central na história evolutiva humana desde o início [...] nós seres humanos nos originamos no amor e somos dependentes dele. Na vida humana, a maior parte do sofrimento vem da negação do amor: os seres humanos somos filhos do amor.²⁰

Salientamos que estas são palavras de um cientista da biologia, não da teologia, mas que, no fundo, possui uma autêntica reflexão teológica. Maturana mostra em seu trabalho que as emoções são fenômenos definidores de nossas ações. São disposições corporais que especificam nossas ações. Emoção é o domínio de ações em que nos movemos. Em outras palavras, todas as nossas ações são estabelecidas por emoções. Portanto, concebe o amor como sendo a emoção que desencadeia relações de aceitação do outro como legítimo outro na convivência.

Pierre Teilhard de Chardin concebe o amor como a energia fundamental da vida. Para ele, o amor não é exclusivo do ser humano, está presente nos outros seres como uma propriedade geral da matéria. Na dimensão de energia fundante, o amor é que constrói todos os seres e todo o Universo. As moléculas não se uniriam se não possuíssem em sua natureza tal energia. Em *O fenômeno humano*, escreve:

Nos mamíferos, muito próximos de nós, o reconhecemos facilmente com as suas diversas modalidades: paixão sexual, instinto paternal ou maternal, solidariedade social etc. Mais longe ou mais abaixo da Árvore da Vida, as analogias são menos claras. Mas [...] Se num estado prodigiosamente rudimentar sem dúvida, mas já nascente, não existisse, até na molécula, qualquer propensão interna para a união, seria fisicamente impossível que o Amor surgisse mais acima, em nós, no estado hominizado.²¹

Teilhard ainda considera que, de maneira mais sublime, existe o Amor no nível além dos seres criados, além do humano. Este Amor ultra-humano, em sua visão

²⁰ MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Trad. José Fernando C. Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 23 e 25.

²¹ CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 297.

personalista, é o Ponto Ômega, para o qual todos os amores convergem. Nele se sintetizam todos os amores da Terra.²² Nesse sentido, toda a matéria é amorizada, dotada desta energia unificadora. Assim, o Amor não se limita ao espaço humano consciente para unir as pessoas. Ele é, antes, uma atração que une todos os elementos da Criação. Em outras palavras, como afinidade do ser com o ser, o Amor não é exclusivo do ser humano e, nesse sentido, é o fundamento da evolução de todos os seres. Portanto, no pensamento teilhardiano, todos os seres evoluem amorosamente.

As concepções desses dois pensadores sobre o Amor têm traços comuns que apontam para a evolução do ser humano e, nesta perspectiva, merecedoras de um aguçado olhar teológico. No fundo, dizem respeito à nossa necessidade de libertação de uma lógica racionalista, por demais cartesiana, bem como de uma espiritualidade baseada em verdades criadas *a priori*, e que dominam sobre experiências amorosas a serem vividas na liberdade de filhas e filhos de Deus! Certamente, precisamos descobrir e viver uma espiritualidade que abarca toda a nossa corporeidade e não abre mão das nossas relações com o mundo! Tal como viveu Jesus!

Nossa opção por uma vida guiada pelo Espírito supera as dicotomias entre espírito e matéria, entre o sagrado e profano. Enfim, trata-se da vida que temos neste mundo, que é valiosa, que é divina e humana a um só tempo. Se assim o fizermos, perceberemos que toda a realidade se nos apresenta como teofania, como diafania – transparência de Deus na Criação, pois imanência e transcendência se fundem, mesmo porque nunca estiveram separadas.

O evangelista Mateus registra que, certa vez, Jesus disse as seguintes palavras: “Quem tem ouvidos, ouça!” (Mt 11,15). Palavras intrigantes essas. Aliás, quando é que Jesus disse alguma coisa que não nos inquietasse, que não nos inquieta? Desta vez, parece que havia pessoas que não estavam ouvindo, ou, há pessoas que não estão ouvindo! Daí vêm estas fortes palavras, propondo que tenhamos ouvidos para ouvir. Ouvidos para ouvirmos o “*Grito da Terra*”, que clama por amorosidade.

Na cosmovisão de Teilhard de Chardin, precisamos ter olhos para ver, ouvidos para ouvir e coração para sentir a “*Sinfonia Universal*”. Em outras palavras, abrimos o nosso coração para vermos, ouvirmos e sentirmos, pois só os corações abertos percebem o Amor, só os corações abertos percebem que

²² BETTO, Frei. *Sinfonia universal: a cosmovisão de Teilhard de Chardin*. Petrópolis: Vozes, 2011.

Na natureza, todos os seres, da ameba ao frondoso carvalho, dos picos do Himalaia ao esquimó do Alasca, estão vinculados pelo feixe de eixos que perpassam a Criação e a história. Nem sempre percebemos essas linhas invisíveis que ligam e nos tornam “Uno ao Todo” (aspas do autor).²³

“Abra o coração e ouça a Sinfonia Universal”. Frei Betto me escreveu estas palavras, quando me recomendou a leitura de seu livro. Quem tem o coração aberto para sentir descobrirá que cada criatura é uma partícula do Corpo do Criador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Homens e mulheres não têm o direito de dominar a Terra, na perspectiva do desrespeito, da agressão, como têm feito. O que é mais triste e assustador, justificando suas ações, por vezes, no texto bíblico de Gn 1,28. O capitalismo selvagem soube, e sabe, muito bem, usar este recurso como justificador para engendrar as mais cruéis ações agressivas contra o próprio ser humano e sua Casa-Terra.

Muitas são as questões, para as quais ainda não temos respostas, mas temos a responsabilidade de procurá-las. Por que fazemos tão mal a nós mesmos e à natureza, aos ecossistemas? Por que não cuidamos da nossa Casa como de um jardim, como de um Éden? Por que não estabelecemos uma relação amorosa com a Terra, e a consideremos como Mãe, *Terra Mater, Pacha Mama*?²⁴ São questões, hoje, necessárias e pertinentes à teologia, bem como às religiões. Libanio, numa coluna do Semanário Litúrgico-Catequético, foi teólogo, místico e poético ao mesmo tempo na seguinte afirmação:

Um mínimo toque de mística leva-nos a extasiar-nos em face do céu estrelado. A distância das estrelas impede-nos de possuí-las e estragá-las, como fazemos com a Terra. Permanecem na eterna beleza e pureza de seu mistério. Só atingidas pela contemplação.²⁵

²³ BETTO, Frei. *Sinfonia universal: a cosmovisão de Teilhard de Chardin*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 67.

²⁴ Em 22 de abril, de 2009, a ONU decidiu chamar a Terra de Mãe Terra. Isso significa uma extraordinária mudança na maneira como devemos olhar para nossa Terra. Uma coisa é dizer “terra”, que pode ser vendida, comprada, explorada economicamente. Outra coisa é dizer “Mãe Terra”, pois isso implica num relacionamento entre mãe e filhote e filhas. Nessa relação não cabe o desrespeito, e sim amar, cuidar, venerar, respeitar.

²⁵ LIBANIO, João Batista. Ecologia. *O Domingo-* semanário litúrgico catequético. São Paulo: Paulinas, 12.09.2010.

Então, nós, homens e mulheres, viventes do século XXI, religiosos ou não, somos convocados, todos, a re-pensar nossa postura, a re-ver nossos passos, onde pisamos, como e por que pisamos, para não destruímos de vez, ou precocemente, nosso jardim. Não temos o direito de destruir nosso Éden. Claro que isso escapa aos insensatos, o próprio Jesus já o dizia. Cabe-nos perguntar a nós mesmos: também não estamos sendo insensatos? Mesmo porque, ainda não nos encantamos com a Criação, para estabelecermos com ela uma relação responsável e amorosa. Falta-nos ver, apreciando, que o texto sagrado da Criação traz um sonho de Deus: “[...] o sonho de transfigurar a terra e transformá-la em um jardim, rico em biodiversidade, sendo o ser humano um jardineiro, cuidador de todos e de tudo”.²⁶ Ainda não concebemos, não nos convencemos de que a presença de Deus no Jardim é real. A natureza não é Deus, evidentemente, mas tudo nela revela Deus, desde o galho seco ao botão que se abre em flor, desde a criança ao velho, desde a alegria à dor... Alguns versos do Salmo 138 diz muito bem isso: “Para onde ir, longe do teu sopro? Para onde fugir, longe de tua presença?” (Sl 138,7-8ss).

Há uma fraternidade e uma solidariedade que nos unem e nos tecem no todo criado. Negar estas dimensões é negar a vida, descobri-las e vivenciá-las é um imperativo social, ético/religioso de nosso tempo, pois Deus é apaixonado pela humanidade e por todas as criaturas. Se não fosse, não teríamos em nós o seu hálito divino, a presença do seu Espírito; a natureza não respiraria o seu sopro divino; o Universo não revelaria sua amorosidade.

O cuidado para com a vida passa pelo cuidado para com a nossa Casa, nosso Planeta, e não há cuidado sem responsabilidade. A construção do *Ethos* necessário, que dê sentido à nossa existência, é um imperativo do/para nosso tempo e precisa ser fundamentado numa relação de amorosidade com toda a Criação, pois “O planeta, a natureza, a humanidade, os povos, o mundo (*Lebenswelt*) estão demandando cuidado e responsabilidade. Se não transformarmos essas atitudes em valores normativos, dificilmente evitaremos catástrofes em todos os níveis”.²⁷

²⁶ MOREIRA, Gilvander L. Gênesis 1 a 3: recriação. In: CUNHA, Rogério I. de Almeida (org.). *Criação de um outro mundo – Gênesis 1-11*. Centro de Estudos Bíblicos – CEBI – MG - Belo Horizonte, 2007, p. 17.

²⁷ BOFF, Leonardo. *Cuidar da terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 157.

Faz-se necessário um esforço para que a mudança aconteça, já somos conscientes de que precisamos mudar, mas não basta uma noção de consciência. Por um lado, faz-se necessária uma orientação ética e moral; por outro, é imprescindível que mulheres e homens de hoje – e de amanhã – descubram um sentido teológico que tudo permeia. Isto é, que enxerguem na bondade e na beleza do Universo os traços da “mão do oleiro” que o molda e lhe dá sentido. É a partir dessa maneira de ver as coisas que podemos definir um novo rumo para nossa vida neste Planeta se, de fato, queremos continuar habitando nele. Nesse sentido, é atual a solicitação de Paulo aos membros das Comunidades Romanas: que elas e eles não se acomodem, mudem de mentalidade e transformem o mundo, para que seja bom (vf. Rm 12,2).

Precisamos alimentar em nós a esperança da integração da Família Comum, que é toda a humanidade. Esta deverá ser a nossa Utopia. Evidentemente que as barreiras são muitas: político-econômicas, religiosas, culturais, e tantas outras daí derivadas. Consideramos que os limites impostos por essas barreiras podem funcionar, também, como pontos de partida para a busca da convivência humana. A humanidade está sendo chamada, pelas condições de vida atuais, a ver nesses limites a necessidade de provocar rupturas nos esquemas consolidados, destruidores da vida. É preciso romper com as amarras que nos impedem de perceber que a Terra e todos os seres que nela habitam são o corpo da Criação de Deus. A consciência dessa corporeidade possibilitará o engendramento de ações que considerem todos os seres e a própria Terra como sagrados. Daí a esperança que deverá vir da reflexão teológica e das religiões.

Não somente é importante, mas imprescindível que pensemos em termos religiosos mais globais, no sentido de que as tradições religiosas procurem, no seu interior e nos seus fundamentos “[...] os discernimentos que possam levar ao reverenciamento e cuidado da vida em suas dimensões humana e cósmica, ao despertar para a visão de que o sagrado está presente na história e no cosmo.”²⁸ Se fizermos essa opção, certamente, estaremos bebendo numa fonte inspiradora, que nos guiará no caminho que nos conduzirá à realização de ações/atitudes que possam salvar a Terra e a vida que nela habita. Mesmo porque trata-se de uma abertura à sensibilidade com todos os seres, bem como de uma resposta ao chamado à comunhão entre eles, vital para a sobrevivência da biosfera. Tal opção nos ensinará “[...] a diáfana transparência da

²⁸ RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Libertação e gratuidade: reflexões teológicas sobre a espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 148.

matéria, na qual resplandece o rosto divino de Cristo [...] a Transparência de Deus no Universo [...] Não a vossa Epifania Jesus, mas a *vossa diafania*”²⁹.

“Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz”.³⁰

Quem tem o coração aberto, veja, ouça, sinta ...

REFERÊNCIAS

BETTO, Frei. *Sinfonia universal: a cosmovisão de Teilhard de Chardin*. Petrópolis: Vozes, 2011. 127 p.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova ed. rev. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOFF, Leonardo . *Do iceberg à Arca de Noé*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

_____. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 319 p.

_____. *Homem: satã ou anjo bom?* Rio de Janeiro: Record, 2008. 223 p.

_____. *Ética da vida – a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009. 175 p.

_____. A Carta da Terra e a consciência planetária. Um olhar “de dentro”. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de. *Consciência planetária e religião – desafios para o século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2009, p 15-27.

_____. *Cuidar da terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2010. 330 p.

_____. *Sustentabilidade: o que é – o que não é*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 200 p. Carta da Terra. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de. *Consciência planetária e religião – desafios para o século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 223-224.

CHARDIN, Pierre Teilhard de (Trad. José Luiz Archanjo). *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 2006. 392 p.

²⁹ BETTO, Frei. *Sinfonia universal: a cosmovisão de Teilhard de Chardin*. Petrópolis: Vozes, 2011 p. 75-76.

³⁰ GULLAR, Ferreira. *A moça do sonho*. Disponível em: www.mocadosonho.com/2010/06/fragmentos-de-Ferreira-Gullar.htm. > Acesso em: 28 set. 2013.

GULLAR, Ferreira. *A moça do sonho*. Disponível em: www.mocadosonho.com/2010/06/fragmentos-de-Ferreira-Gullar.htm. > Acesso em: 28 set. 2013.

KAISER, Arno; GEBARA, Ivone. *Terra – eco sagrado: teologia da libertação e educação popular*. São Leopoldo: CEBI – Centro de Estudos Bíblicos, 2008. 61 p.

LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 2010. 372 p.

LIBANIO, João Batista. Ecologia. *O Domingo-* semanário litúrgico catequético. São Paulo: Paulinas, 12.09; 10 e 17.10.2010.

_____. Jürgen Moltmann. Disponível em: < www.jlibanio.com.br >. Acesso em: 28 set. 2013.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. (Trad. José Fernando C. Fortes). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 98 p.

MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação** – doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1992. 424 p.

MOREIRA, Gilvander L. Gênesis 1 a 3: recriação. In: CUNHA, Rogério I. de Almeida (org.). *Criação de um outro mundo – Gênesis 1-11*. Centro de Estudos Bíblicos – CEBI – MG - Belo Horizonte, 2007, p. 7-32.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001, p. 70-71).

MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia:** introdução ecumênica à ciência da fé. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010. 254 p.

REIMER, Haroldo. *Gênesis – casa comum: espaço de vida, cuidado e felicidade*. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, 2007, p. 18-19. 56 p.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Libertação e gratuidade: reflexões teológicas sobre a espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2013. 168 p.

SHULTZ, Adilson. Consciência planetária espiritual. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; SOUZA, José Carlos Aguiar de. *Consciência planetária e religião – desafios para o século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 197-210.

TAVARES, Sinivaldo S. *Teologia da criação: outro olhar – novas relações*. Petrópolis: Vozes, 2010. 179 p.

(Recebido em junho de 2016; aceito em junho de 2016)